

O CANCRO EUROPEU DAS POMÁCEAS

Ana Beatriz C. Czermainski & Silvio André M. Alves

Embrapa Uva e Vinho

ana.czermainski@embrapa.br; silvio.alves@embrapa.br

Ana Beatriz C. Czermainski	Embrapa Uva e Vinho (Estatística e Epidemiologia); ana.czermainski@embrapa.br ; 54 34558000; Bento Gonçalves.
Silvio André M. Alves	Embrapa Uva e Vinho (Fitopatologia); silvio.alves@embrapa.br ; 54 32318300; Vacaria.

Em novembro de 2011, foi informada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) a suspeita da incidência do cancro europeu em pomares de macieira no Brasil, o que foi confirmado posteriormente. Dentre as providências tomadas, foi assinado, em 2012, um termo de cooperação entre a Embrapa Uva e Vinho e a SDA/MAPA para implantar o programa de controle e erradicação do fungo *Nectria galligena*, com a participação de pesquisadores e professores das seguintes instituições: Embrapa Uva e Vinho, Epagri, Proterra, UCS, Udesc e UFPR.

Em 2013, com apoio do MAPA, foram implementadas atividades de pesquisa com o projeto *Cancro europeu das pomáceas – uma ameaça à pomicultura brasileira: diagnóstico, impacto econômico, epidemiologia, controle e transferência de tecnologia*. Neste projeto, foi prevista a “Avaliação de modelos de favorabilidade à ocorrência do cancro europeu e estimativa de função de dano” envolvendo pesquisadores da Embrapa Uva e Vinho e da Epagri/Ciram. Como resultado dessa atividade em parceria, iremos disponibilizar aos produtores de maçã, através da plataforma Agroconnect, uma ferramenta para auxiliar à tomada de decisão sobre o controle do cancro europeu.

De forma semelhante ao modelo utilizado para a sarna da macieira, será realizada uma análise dos dados meteorológicos registrados a cada

hora, através de um modelo específico para o cancro europeu. A partir das condições para a ocorrência de molhamento foliar e de um período de tempo com temperatura média favorável para o desenvolvimento do fungo determina-se a classificação quanto ao risco de infecção de frutos. De maneira geral, o modelo considera que é necessário maior período de molhamento foliar quanto mais baixa for a temperatura. Os alertas horários serão emitidos como quatro resultados: “sem risco”, “infecção leve”, “infecção moderada” e “infecção severa”.

É importante ressaltar que tais alertas de risco são dirigidos para a fase inicial de desenvolvimento do fruto visando evitar a infecção que irá se manifestar na fase de pré-colheita e para fases em que a planta apresenta ferimentos. Assim, destacam-se os períodos de maior risco à infecção:

- 1) 4 a 6 semanas após o início da floração - período em que o fungo pode afetar o fruto já na sua formação. O modelo também considera que há inóculo na área, ou seja, há cancos nos troncos ou ramos das plantas. Se, nesse período, não houver cancos nas plantas do pomar, não há risco de infecção da doença nos frutos.
- 2) queda de folhas - fase em que as plantas apresentam ferimentos que servem para a entrada do inóculo;
- 3) colheita - com a retirada do fruto e do pedúnculo, também ocorrem ferimentos que são portas de entrada do fungo. Nesta fase, se a decisão for pulverizar o pomar, deve ser realizada com produto de baixa carência após um repasse, se a colheita ainda não estiver terminada; ou com outro fungicida, após a total retirada dos frutos.

Portanto, o alerta não deve ser considerado isoladamente, mas como um subsídio à tomada de decisão do controle químico, ou seja, o produtor deve avaliar os resultados do Agroconnect mediante as condições fenológicas e de presença do inóculo em seu pomar ou quadra.

É recomendado que, mediante o alerta emitido e o estágio de desenvolvimento das plantas, se o produtor optar pela pulverização, esta deve ser feita com fungicidas registrados para a cultura à base de tiofanato metílico.